

## LINGUAGENS DOCUMENTÁRIAS

**ASTÉRIO TAVARES CAMPOS**

Departamento de Biblioteconomia

Universidade de Brasília

70910 Brasília, DF

No campo das chamadas linguagens documentárias verifica-se o fenômeno generalizado da rejeição dos tradicionais sistemas de classificação. Tal fenômeno não pode ser atribuído só à inflexibilidade ou insuficiência estrutural de tais linguagens. Há que se lembrar que o clima epistemológico em que se organizaram as tabelas de classificação, clima de saturação iluminística, com tendência a atribuir ao conhecimento científico rigidez e imutabilidade, está hoje completamente superado. A tendência a usar os já famosos tesouros mostra a necessidade de maior agilidade nas linguagens documentárias. Revela também a imprescindibilidade dos elementos classificatórios, já que os tesouros mais bem elaborados são verdadeiras classificações que não ousam dizer o próprio nome.

Uma reflexão, mesmo sumária, sobre o que vem acontecendo no terreno das chamadas linguagens documentárias poderá levar-nos à conclusão, por alguns já expressa de maneira enfática e contundente, que definitivamente chegamos ao ocaso e à total superação dos tradicionais sistemas de classificação bibliográfica. Esta conclusão poderá ser, até certo ponto, válida, se se estabelecerem os devidos limites dessa superação e se se apresentarem os imprescindíveis esclarecimentos sobre o que realmente falhou nos mencionados sistemas. Não é este infelizmente o caso, na maioria das vezes, quando são postos em relevo os defeitos e as falhas das velhas linguagens documentárias. No entanto, esta análise parece absolutamente indispensável se se quiser evitar os exageros, bem pouco construtivos, a que alguns já chegaram.

Deve-se, em primeiro lugar, salientar que os tradicionais sistemas de classificação bibliográfica não entraram em crise simplesmente por serem linguagens estruturadas. Assim pensaram alguns e, conseqüentemente, tentaram eliminar qual-

quer tipo de estruturação nas mencionadas linguagens, substituindo-as por meras listagens alfabéticas de assunto. É de todos conhecido o resultado negativo dessa tentativa. É certo que algumas das tradicionais linguagens documentárias apresentavam-se de maneira demasiado rígida, criando por vezes sérios embaraços na recuperação da informação. Mas o que se pode dizer, com toda certeza, é que não é por serem linguagens estruturadas que se tornaram imprestáveis para a boa recuperação da informação. A prova está em que, uma vez eliminadas as estruturas, tornaram-se não apenas piores, mas simplesmente inúteis.

Pode-se também lembrar que não foi o problema meramente administrativo da atualização das tabelas — problema perfeitamente superável, dentro de determinadas circunstâncias — que gerou a repulsa que hoje se verifica em relação aos tradicionais sistemas de classificação bibliográfica. O problema tem raízes mais profundas.

Tentemos analisá-lo devidamente.

Os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica tiveram origem no final do século passado com o famoso Sistema de Classificação Decimal de Melvil Dewey, num clima epistemológico muito diverso do atual. Podemos afirmar que Dewey criou o modelo em que iriam espelhar-se os demais sistemas posteriores, sem exceção o mesmo sistema de Ranganathan que, no entanto, apresenta avanços bastante notáveis em relação a Melvil Dewey. Ora, como nos adverte Hilton Japiassu (1978:24), “o pensamento científico não se desenvolve num vácuo cultural, mas no interior de um quadro de pensamento, de um contexto de idéias, de princípios fundamentais e de evidências axiomáticas pertencentes a um domínio de ordem extracientífica”. O sistema de Dewey foi elaborado em pleno clima iluminista e positivista. Mas, como nos ensina Ludovico Geymonat (1961:8), o positivismo constituiu, paradoxalmente, inegável tentativa de transformar a ciência em metafísica, em enrijecê-la em fórmulas imutáveis, já que “a fé iluminista na ciência (de que está repassado o positivismo) baseia-se no pressuposto da incontroversa capacidade da razão humana de por a nu a estrutura profunda dos fenômenos”, pois “coincide com o princípio racional constitutivo do universo”. Existe, na mente humana, “irresistível tendência de revestir as proposições científicas de caráter absoluto”. O clima epistemológico em que se estruturaram as tabelas de classificação, clima de saturação iluminista e positivista, tendia a atribuir ao conhecimento científico caracteres idênticos aos que foram antes atribuídos ao conhecimento metafísico: rapidez e imutabilidade, com crescimento apenas interno por sucessivas acumulações. As tabelas eram, por assim dizer, a encarnação da eternidade e da perenidade do saber. Espelhavam conquistas definitivas da mente humana.

Não é necessário sublinhar que esse clima mudou substancialmente. Basta que nos aproximemos de qualquer dos representantes mais expressivos da moderna epistemologia, que são unânimes em afirmar que o clima positivista e iluminista

do século passado está totalmente superado. Franco Américo, por exemplo, nos diz (1970:136): “É preciso abandonar o conceito de uma razão estática para aceitar o de uma razão dinâmica, não identificada com alguns dos seus esquemas, mas indiferentemente identificada com todos. Mas, se a razão é dinâmica e histórica, o erro dos pensadores precedentes foi assumir determinado momento histórico como momento eterno”. Louis Armand, no prefácio ao livro de Jean Ullmo, intitulado *O pensamento científico moderno* (1967:10), diz igualmente: “Vemos assim como estamos, hoje, longe da investigação do absoluto; o pensamento científico está em perpétua transformação, sofrendo a mesma sorte do universo em que nada é estático, em que tudo é movimento, e não somente no mundo vivo, visto que a consistência do mármore frio é devida à extraordinária rapidez do movimento dos electrões”.

Se nos voltarmos para Popper, também ele nos fala do crescimento científico não por justaposições ou por desenvolvimento interno, mas por verdadeiras revoluções. No seu livro clássico *A Lógica da Pesquisa Científica*, diz textualmente: “O velho ideal científico de *espisteme* — do conhecimento absolutamente certo, demonstrável — mostrou não passar de um ídolo” (1975:308). E a consulta a outros pensadores contemporâneos nos levaria a respostas idênticas. José Carlos Koche, no seu excelente trabalho sobre metodologia científica (1984:30), conclui: “Está claro que o objetivo da ciência é tentar tornar inteligível o mundo, é atingir um conhecimento sistemático do universo. A ciência compreendida pela renascença era uma ciência com conhecimentos acabados, completos, uma ciência formalizada por teorias e leis que davam a imagem de um mundo real concreto, regido pelas leis da lógica formal e pelo postulado de um determinismo universal que, uma vez descoberto, sempre seria imutável. A ideia da ciência atual é de estar em constante modificação, uma ciência em construção, que está constantemente a revisar e a reavaliar seus resultados”. Então, se é fato que o desenvolvimento das ciências se faz por meio de revoluções, torna-se urgente perguntar: que papel têm ainda a exercer as tabelas mais ou menos rígidas como instrumento da recuperação da informação? A pergunta não é evidentemente ociosa. Antes, ela traduz uma justa inquietação dos documentalistas e bibliotecários.

Mesmo sem ter auscultado, ao que parece, a doutrina dos epistemólogos, muitos dos responsáveis pelo processo da recuperação da informação passaram a utilizar os já famosos tesouros. Ora, há que desde logo lembrar que qualquer autêntico tesouro contém em si os elementos básicos de uma classificação. Esses elementos poderão assumir a forma de uma tabela de classificação, como no caso da *International Thesaurus of Cultural Development*, preparado por Jean Viet e recentemente traduzido por Regina Helena Tavares, da Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro (1983), ou mesmo no caso mais expressivo ainda do *Tesaurofacet*, preparado por Jean Aitchison, como 3ª edição de *A faceted subject classification for Engineering* (1969). Poderá também acontecer que os ele-

mentos classificatórios, além da estrutura comum dos tesouros, se façam presentes nas categorias básicas em que os descritores podem estar reunidos. De qualquer sorte, é líquido poder afirmar que os tesouros são verdadeiras classificações, ou melhor, que o recurso aos tesouros é mais um argumento em favor da imprescindibilidade dos elementos classificatórios ou estruturais das linguagens documentárias. O IBICT tornou-se sensível a esta problemática e publicou as *Diretrizes para elaboração de tesouros monolíngües* (1984), que não é um código de normas, mas um modelo que sugere, que quer ajudar a todos quantos no Brasil estão submetidos à árdua tarefa de encontrar um instrumento apto à recuperação da informação.

*Comunicação recebida em 7.05.85*

### **Abstract:**

#### **Documentary languages**

In the field of the so-called documentary languages we verify the rejection phenomenon in relation to the traditional classification systems. Such phenomenon is not only due to the insufficient structural flexibility of these languages. We must remember that the epistemological climate which favoured the organization of the classification tables, climate of iluministic saturation, with the tendency to attribute to the scientific knowledge rigidity and immutability, today is completely surpassed. The tendency to use the already famous thesaurus shows the necessity to a bigger agility in the documentary languages. Reveals also the necessity for the classificatory elements, since the better elaborated thesaurus are trully classification systems which do not dare to pronounce the own name.

### **REFERÊNCIAS**

1. AMÉRICO, F. *Epistemologi contemporanei*. Turim, Società Editrice Internazionale, 1970.
2. DIRETRIZES para Elaboração de Tesouros Monolíngües. Brasília, IBICT, 1984.
3. GEYMONAT, L. *O pensamento científico*. Lisboa, Aracádia, 1961.
4. JAPIASSU, H. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
5. KoCHE, J. C. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7. ed. Porto Alegre, Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.
6. POPPER, K. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo, Cultrix, 1975.
7. THESAUROFACET; a thesaurus & faceted classification for engineering & related subjects. 3. ed. Whetstone, Leicester, The Electric Co., 1969.
8. VIET, J. *Thesaurus Internacional do Desenvolvimento Cultural*. Rio de Janeiro, MEC/Secretaria da Cultura/Fundação Casa de Rui Barbosa/UNESCO, 1983.